

TELAS QUE TRANSBORDAM

Renan da Silva Bezerra

As folhas das castanheiras, das maçarandubas, das andirobas e de muitas outras espécies de árvores, que se espalhavam em grandes e pequenos corpos na imensidão do lugar, luziam o brilho da aurora, lançado em alongadas e infinitas setas alaranjadas, atiradas para todas as direções, rasgando o silêncio e desnudando os homens e mulheres despertados pelos cantos festivos e também fúnebres dos pássaros.

Porém, a vida não despertava com o amanhecer, tornava-se passível de ser vista e também ouvida. Ao mesmo tempo, essas folhas eram sopradas e caíam lentamente, como o próprio cursar da vida, para deitarem-se no chão, passando a compor o elixir de formigueiros ou das próprias árvores-mães, que agora estendiam-se régias e sábias, detentoras de todos os segredos antigos, resguardados em suas muitas camadas.

Refletiam, talvez, uma energia secular ancestral, advinda de incontáveis vidas que foram tragadas pelo tempo ou pelas guerras e, quem sabe, por amores (ultrarromânticos?). Um corpo só projetado em duas carnes escapavam para viver um romance improvável. Homens em ornamentos de guerra eram soprados deste plano tal qual as folhas que se desprendiam dos galhos. Alguns animais de olhos curiosos espreitavam por detrás dos arbustos. Como eu sei disso? Transbordavam de fora para dentro e, concomitantemente, de dentro para fora do lugar.

Mais adiante, a imensidão da floresta fora substituída por uma praia belíssima, banhada por algum mar que eu desconhecia. O choque das águas com o litoral formava espumas brancas na areia e as nuvens esparsas lançavam-se na direção do horizonte, criando pontos sombreados no solo. Poderíamos até lobrigar ínfimas manchas verdes na outra extremidade, talvez alguns coqueiros. Quem sabe? Uma barreira insólita erguia-se logo depois, criando um enquadre, todavia derramava-se para uma cozinha ao lado.

À medida que o cenário mudava, ficava impaciente. A cozinha tinha paredes de madeira e uma mesa no centro. Era singela, com janelas fechadas, não estava pintada e os móveis de mesma cor abrolhavam em cor uma, à exceção de um pequeno vaso de plantas amarelo sem flores e sem detalhes, que estava no móvel. Seria uma caneca ou pote? Não tinha ninguém no cômodo, a mãe estaria, assim, na sala cosendo, enquanto ouvia a fala das personagens de sua novela favorita. As crianças, ao ar livre, empinando pipa e jogando bola, receosas de que o dia

acabasse. Outra vez a barreira imponente parecia impedir as águas que derramavam fervorosamente, em momentos passados.

Meus olhos percorriam rapidamente pela cozinha enfadonha e fora transportado para uma janela que fulgurava e permitia ouvir nitidamente sons que ora vinham, ora desapareciam. Pessoas estavam a todo vapor, sentadas, de cócoras, em pé, em casa ou em espaços públicos, todas concentrando-se em seus enquadres vivos. Olhei uma última vez para os quadros da parede e baixei as vistas para minha própria tela. Essa tela, em especial, transborda a ponto de me inundar.

— É... Já consertei o aparelho.

— Logo vi (risos). Muito obrigado.